

## A LINGUAGEM E A LINGUAGEM DA ARTE: REVISITANDO O ENSINO DA ARTE<sup>1</sup>

José Pedro Boufleuer<sup>2</sup>, Maria Regina Johann<sup>3</sup>.

<sup>1</sup> Pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências - Unijui, pertencente ao Grupo de Pesquisa Teorias Pedagógicas e dimensões éticas e políticas da educação e Grupo de Pesquisa Interinstitucional Racionalidade e Formação.

<sup>2</sup> Professor Doutor do Departamento de Humanidades & Educação, Orientador, josepbou@unijui.edu.br

<sup>3</sup> Professora do Departamento de Humanidades & Educação da Unijui e doutoranda do Programa de Pós Graduação em Educação nas Ciências da Unijui, maria.johann@unijui.edu.br

### Introdução

Na pesquisa pergunta-se pela linguagem como constitutiva de mundo, pela essência da obra de arte e pela legitimidade da linguagem da arte, bem como, o que isso diz para um possível ensino da arte. Para isso verifica-se o que significa a linguagem para a constituição do mundo humano, a especificidade das linguagens artísticas, o que ela nos desafia, assim como, o que determina que ela se constitua em campo de conhecimento. Verificamos se pode a linguagem produzir algo naquele que se depara com ela e se isso pode ser validado como conhecimento. Enfatizamos a linguagem a partir da hermenêutica gadameriana e as implicações disso para a compreensão da arte como linguagem e conhecimento, curricular inclusive. Tematizamos a linguagem humana como a capacidade de estabelecer uma interação com outro sujeito, visto que habitamos um mundo feito de Linguagem. Assim, não existe mundo que não seja exprimível na linguagem. Nesse contexto, temos a arte como uma linguagem que configura o mundo humano e que no âmbito escolar se legitima, também, como conhecimento.

Intencionamos compreender o conceito de linguagem em sua vinculação com a constituição do mundo humano e na especificidade de sua forma artística como conhecimento passível de mediação em contextos de ensino. Situamos o conceito de linguagem com base no entendimento de que o mundo que temos nos é apresentado/revelado ao modo de linguagem e a tematizamos como uma práxis social que, mesmo fluída e intransparente, possibilita a criação de um mundo humano comum. Buscamos compreender a noção de objetividade da linguagem a partir da ideia de círculo dialógico e intersubjetivo na perspectiva da hermenêutica gadameriana, clarificando a essência da arte a partir da sua compreensão como linguagem, buscando referências para o ensino da arte a partir da noção de objetividade que Gadamer busca na ideia de jogo, investigando e tecendo considerações sobre o ensino de artes visuais a partir da consideração da arte como linguagem e conhecimento.

### Metodologia

Os objetivos da investigação são buscados mediante pesquisa de natureza teórica, com incursões nas obras de autores que tratam de temas como: Linguagem, Hermenêutica, Arte e Ensino de Arte. Para essa sequência de tematizações visualizamos, num primeiro momento, o seguinte conjunto de



**Modalidade do trabalho:** Ensaio teórico

**Evento:** XVIII Jornada de Pesquisa

autores: Martin Heidegger, Hans-Georg Gadamer, Richard Palmer, Ernest Gombrich, Ernest Fischer e Ana Mae Barbosa.

### Resultados e discussão

Para Heidegger, a linguagem é a casa do ser - não é mais como na ontologia clássica, interpretado como presença pura permanente, mas como advento, como vinda ao encontro, como interpelação, que se dá ao homem cada vez diferentemente - é o lugar onde o sentido do ser se mostra; o ser acontece como fenômeno na linguagem e enquanto linguagem. Na trilha de Heidegger, a hermenêutica de Gadamer é conscientemente uma “hermenêutica da finitude”, pois fora do mundo humano-linguístico não temos mundo, uma vez que a linguagem se dá num círculo dialógico e se constitui num âmbito linguístico, histórico e plural. Por isso, “compreender o que alguém diz é pôr-se de acordo sobre as coisas, não deslocar-se para dentro do outro e reproduzir suas vivências” (Gadamer, 1999, p. 559), isso se dá pelo fato de uns falarem com os outros com abertura para o diálogo. Essa é, então, uma das questões para pensar a arte no âmbito da escola, uma vez que para compreender a obra é preciso colocar-se diante dela com abertura para as questões que a mesma nos coloca, mas em perspectiva própria; diferentemente da ideia cristalizada no imaginário de muitos professores, de que há uma verdade a ser encontrada na obra, geralmente formulada na célebre pergunta: o que o artista quis dizer?

Para Gadamer (2010), na obra de arte acontece paradigmaticamente aquilo que todos nós fazemos na medida em que estamos aqui: estruturação do mundo. Assim, pensemos na arte como linguagem e como espaço mais amplo da experiência do sujeito e a estética como o âmbito onde nós, humanos, podemos aparecer mais, uma vez que a arte não está constrangida pelas leis e pelo cognitivo instrumental. Por isso, Gadamer (1999) toma a arte como inspiração para pensar a Linguagem na perspectiva da hermenêutica, não no sentido de uma doutrina de método, mas como uma teoria da experiência real, que é o pensamento, mostrar a partir da experiência da arte e da tradição o fenômeno da hermenêutica em toda a sua envergadura. Para ele “a obra de arte tem, antes, o seu verdadeiro ser em se tornar uma experiência que irá transformar aquele que experimenta”, pois o encontro com a obra nos põe uma questão: a questão que provocou o seu ser. Diante da arte entramos num jogo que “é o próprio modo de ser da obra de arte” (Gadamer, 1999, p. 174-175). A “arte” só começa realmente quando podemos, também, agir de outra forma; ela tem algo do caráter de ‘como se’ que reconhecemos como traço fundamental da essência do jogar.

Palmer (1989) menciona que “temos a necessidade de encarar a obra não como objeto, mas como obra” e afirma que “a experiência com a obra de arte abre-nos um mundo”, enfatizando que “logo que deixamos de considerar uma obra como objeto e a vemos como um mundo, quando vemos o mundo através dela, então percebemos que a arte não é percepção sensível, mas conhecimento” (Palmer, 1989, p.172). Nessa perspectiva nos perguntamos pela legitimidade da arte na escola, já que “a legitimação da arte não está no facto de produzir um prazer estético, mas sim no facto de revelar seu ser” (Palmer, 1989, p. 173). Como apresentar a arte pedagogicamente ao aluno se “a compreensão da arte não advém de a cortarmos e dividirmos metodicamente como se fosse um objeto, ou da separação forma-conteúdo; vem através de uma abertura ao ser, vem no ouvir da





**Modalidade do trabalho:** Ensaio teórico

**Evento:** XVIII Jornada de Pesquisa

questão que a obra nos coloca” (Palmer, 1989, p. 173)? É possível outra objetividade para com a arte legitimando sua presença e respeitando seu ser? Isto pode ser através de uma pedagogia hermenêutica para a arte na escola? Como instaurar isso considerando os horizontes do sujeito e da obra e possibilitando a aquisição do conhecimento artístico? O diálogo com a obra e, em perspectiva do aluno, pode ser legítimo no contexto escolar?

**Conclusões**

Entendemos que a hermenêutica aponta para uma possibilidade de legitimar o diálogo como elemento válido para a construção de conhecimento, considerando a fusão de horizontes entre professor, aluno e obra;

A ideia de “fusão de horizontes” quer potencializar o encontro entre obra e sujeito, uma vez que a obra apresenta-se e faz-se trazendo o mundo em suas costas e, professor e aluno são indivíduos encharcados de cultura, valores e de experiências pessoais.

**Palavras-Chave:** Hermenêutica; Interpretação; Compreensão; Imagem; Arte/ Educação

**Referências Bibliográficas**

GADAMER, Hans-Georg. Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Tradução de Flávio Paulo Meurer. 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

\_\_\_\_\_. Hermenêutica da obra de arte. Seleção e tradução de Marco Antonio Casanova. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

GIACOA JUNIOR, Oswaldo. Pequeno dicionário de filosofia contemporânea. São Paulo: Publifolha, 2006.

HEIDEGGER, Martin. A origem da obra de arte. Tradução de Maria da Conceição Costa. Revisão de Artur Morão. Rio de Janeiro: Edições 70, 1977.

OLIVEIRA, M. A. De. Sobre fundamentação. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993.

\_\_\_\_\_. Reviravolta Linguístico-pragmática na filosofia contemporânea. São Paulo: Edições LOYOLA, 1996.

PALMER, R. E. Hermenêutica. Lisboa: Edições 70, 1989.

